

A mulher e a rua: identidade fora do lugar

Renata Cristina Sant'Ana¹

RESUMO: Este estudo analisa as condições de vida de sujeitos deslocados que se encontram no “entre-lugar” representado no romance *Quarenta Dias* (2014) de Maria Valéria Rezende. Trata-se das questões relacionadas ao processo de migração interna e das consequências desta dinâmica na reconfiguração identitária dos sujeitos deslocados da contemporaneidade e das questões políticas, econômicas, sociais e culturais que subjazem e permeiam a relação sujeito/lugar.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Estudos culturais; Identidade; Espaço; Migração.

ABSTRACT: This study aims to analyze the representation of life conditions of displaced subjects who find themselves in the “in-between”, no novel *Quarenta Dias* (2014) of Maria Valéria Rezende. The novel is about issues related to the internal migration process and the consequences of this dynamics to the identity reconfiguration of the contemporary displaced subjects and of the political, economic, social, and cultural issues that subjagate and permeate the relation between subject and space.

Keywords: Contemporary literature; Cultural studies; Identity; Space; Migration.

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse
(Maria Valéria Rezende)

Introdução

Ao tratar o romance como possibilidade estética de conhecimento e principalmente como rede de conexões entre fatos, pessoas e coisas, Italo Calvino (1994) apresenta a ideia do mundo como um “sistema de coisas”, em que cada sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles. Sob esse enfoque, seria o mundo um complexo inextrincável de

¹ Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora.
Contato: rescsantana2013@gmail.com

fenômenos heterogêneos e simultâneos concorrendo para a determinação da dinâmica existencial dos indivíduos e dos grupos espalhados por todos os espaços habitados. Frente a esta dinâmica, caberia ao escritor a tarefa de imprimir na eternidade o vasto conteúdo do mundo, dando-lhe a forma leve e ágil ainda que lhe pese o teor temático. Seguindo por esta via, muitos escritores e intelectuais compactuam da visão de que, em se tratando de produção literária, os sonhos e as utopias são fenômenos que atuam de modo a impulsionar a sociedade na busca das transformações necessárias ao bem comum, pois conforme nos fala Silviano Santiago, “a leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outros termos, ela o convida à práxis” (SANTIAGO, 2000, p. 20). Nesta concepção, o fazer literário se dá pela via não só da representação, mas também da ação, o que podemos considerar como forma de engajamento do escritor nas lutas por transformação, justiça e igualdade social. Na esteira deste pensamento, Jean Paul Sartre (1989), embora apresente sua plena consciência de que “não se fazem bons livros com bons sentimentos”, defende, como Calvino, que qualquer que seja o tema de uma obra, ela precisa ser revestida de algum tipo de leveza. “É preciso que a obra, por mais perversa e desesperada que seja a humanidade nela representada, tenha um ar de generosidade” (SARTRE, 1989, p. 50). A esse respeito, o filósofo nos diz que se esse mundo nos é dado com suas injustiças, não é para que as contemplemos com frieza, mas para que as animemos como nossa indignação, desnudando os abusos que devem ser suprimidos. Edward Said (2005), por sua vez, em suas reflexões sobre a responsabilidade e a função social do intelectual considera que ao veicular suas ideias, ele torna-se porta-voz de valores e anseios sociais. Nesse sentido, Maria Valéria Rezende (2014) apresenta-se na cena literária como escritora que não se demite das discussões em torno das contradições e conflitos advindos de situações políticas e sociais que geram exclusão e sofrimento. Assim, os discursos produzidos nos interstícios da experiência social pelas personagens de Maria Valéria Rezende, revelam, a partir de sua narrativa, seu engajamento na luta pela transformação da cruel realidade em que se encontra uma parcela considerável da população na sociedade brasileira.

Com o olhar voltado para o horizonte da práxis e frente a realidade social que a humanidade nos apresenta, a ficção de Maria Valéria Rezende coloca em cena personagens

situados num espaço caracterizado pela subalternidade, pela humilhação e exclusão social. São habitantes dos buracos da sociedade, indivíduos enganados e iludidos que desperdiçam suas vidas acreditando em esperança, mas deparam-se com situações que os colocam de frente com a experiência da exclusão, da exploração, da humilhação e da violação de seus direitos. “Gente quase reduzida a corpo e dor” (REZENDE, 2014, p. 228).

O romance *Quarenta Dias* aborda a dor do vazio deixada pelo sentimento de exílio, a condição feminina exposta à opressão, herança deixada pelos valores seculares do poder do patriarcado burguês, o processo de decomposição social que transforma seres humanos em restos e refugos descartáveis, e a angústia frente à perda da experiência acumulada, da memória individual e coletiva frente à imposição de modelos uniformizantes de cultura, resultantes do avanço desenfreado da técnica e dos interesses do mercado mundial no mundo globalizado.

O enfoque que pretendo oferecer a minha leitura do romance se baseia na dimensão social do texto literário enquanto instrumento não só estético, mas também ético, no sentido de possibilitar encaminhamentos para a compreensão de problemas sociais complexos relacionados aos movimentos migratórios internos e suas consequências na dinâmica das relações entre seres humanos perdidos nos espaços labirínticos das metrópoles brasileiras. Através da leitura do romance, o leitor estabelece um contato, via ficção, com temas emblemáticos de uma realidade social marcada pela desigualdade. Trata-se de uma obra erguida sobre os escombros de um projeto que não se cumpriu, o da modernização, responsável pelos imensos contrastes sociais que se apresentam nos espaços urbanos separados pelos muros vivíveis e invisíveis que dividem a população nas metrópoles do país. O empenho da escritora Maria Valéria em retratar determinados aspectos da sociedade brasileira a partir da construção de personagens e de espaços marginalizados resulta na produção de posicionamentos políticos construídos no interior do discurso literário, que atuam na vida social em forma ao mesmo tempo de arte literária e de manifesto político. Nesse sentido, a contribuição teórica dada pelos Estudos Culturais adquire sua relevância no âmbito deste estudo, pois corrobora para o fortalecimento dos laços que unem literatura e sociedade.

2. Os Estudos Culturais e a produção literária contemporânea.

Os Estudos Culturais surgem a partir do propósito de se estabelecer uma ligação entre o campo de pesquisa (investigação) e o contexto cultural, isto é, a formação social em que determinado fenômeno surge, ou em que um dado objeto se insere. Trata-se de um movimento teórico-político que tem em vista a construção de um novo campo de estudo interligado a um projeto político capaz de superar as limitações já apresentadas no âmbito das disciplinas tradicionais, e que tem como proposta a interdisciplinaridade.

Em 1964, Richard Hoggart, inspirado por sua pesquisa “The Uses of Literature” (1957) funda o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), cujo foco das investigações se concentra nas relações entre cultura contemporânea e sociedade. Ao lado de Hoggart, também se apresentam como partícipes na fundação do CCCS Raymond Williams (“Culture and Society” – 1958) e E. P. Thompson (“The making of english working-class – 1963).

No que diz respeito à literatura, Raymond Williams, em “Culture and Society” (1958), mostra que “a cultura é uma categoria chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 140). Sobre “The long revolution” (WILLIAMS, 1962), Stuart Hall destaca que a obra foi responsável por uma mudança importante sobre o conceito de cultura, que adquiriu em sua nova definição passa a apresentar seu contorno antropológico, considerando-se que os “significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados” (HALL e TURNER, 1990, p. 55, *apud* ESCOSTEGUY, 2004, p. 140). Tal mudança foi determinante para o desenvolvimento dos Estudos Culturais, pois a palavra cultura adquiri outro significado que não é mais o da distinção social, antes reservado a um grupo privilegiado e restrito de detentores da “cultura”, mas agora o de “cultura” como modo de vida.

Segundo Escosteguy (2004), a proposta original dos Estudos Culturais é considerada por muitos como mais política do que analítica, e se apoia no pensamento marxista que norteou a trajetória da “New Left”, em alguns movimentos sociais e em publicações que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda. Porém, é importante ressaltar que a cultura não depende única e exclusivamente das relações econômicas, nem é seu reflexo, embora receba suas influências e sofra as consequências deste tipo de relação. Enquanto movimento intelectual, os Estudos Culturais assumiram um compromisso com mudanças sociais radicais, possibilitando a abertura de caminhos para a emergência de materiais culturais surgidos nas esferas populares,

que antes eram desprezados e ignorados por aqueles considerados os responsáveis por definir e determinar o que seria aceito como cultura na tradição elitista.

Em relação à contribuição de Raymond Williams, Cevalco (2003) chama atenção para a sua percepção materialista de cultura ao afirmar que os bens culturais são resultado de meios também eles materiais de produção, que concretizam relações sociais complexas envolvendo instituições, convenções e formas. “Definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida” (CEVASCO, 2003, p. 23). Assim, em meio ao percurso dos Estudos Culturais, o trabalho etnográfico passa a ter sua importância acentuada, pois:

Com a extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas (ESCOSTEGUY, 2004, p. 143).

Neste contexto, os Estudos Culturais surgem abarcando pesquisas cujas problemáticas eram antes desconsideradas, como as relacionadas à cultura popular, aos meios de comunicação de massa, e posteriormente, as relacionadas às identidades étnicas e ao estudo de gênero. De acordo com Cevalco (2003), a partir de 1960, em um mundo conectado pelos meios de comunicação de massa, profundas transformações econômicas e políticas acabaram por enfraquecer um projeto coletivo de mudança social, de modo que uma nova época, que se convencionou chamar de pós-moderna, as novas palavras de ordem passaram a ser “viva a diferença” e “abaixo o universalismo”, pois, “a Cultura com maiúscula, é substituída por culturas no plural. O foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003, p. 24).

A este estudo interessa analisar os elementos responsáveis pela construção da identidade de gênero, assim como alguns elementos de subjetividade responsáveis por atuar no processo de formação identitária de sujeitos que vivenciam a experiência da migração forçada, ainda que em território nacional, e a relação desse sujeito com o espaço social em que se insere, considerando as implicações políticas e econômicas estruturantes deste espaço. Tal propósito vai ao encontro do projeto intelectual de Raymond Williams que consiste na defesa da inter-

relação entre fenômenos culturais e socioeconômicos e o ímpeto pela transformação do estado negativo em que o mundo se encontra.

Diante do exposto, percebe-se que os Estudos Culturais se afastam e opõem-se à uma pretensa neutralidade da cultura, almejada pela vertente teórica tradicional que vigorava até o momento. O novo movimento estabelece vínculos que conecta a cultura e sociedade uma perspectiva política que privilegia a prática cultural e a defesa das subjetividades, da diversidade individual e coletiva.

3. Os descaminhos de Alice: uma síntese do romance *Quarenta Dias*.

O romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende narra a trajetória de vida de Alice, narradora-personagem que vivencia o processo de migração forçada da região do nordeste para o sul do Brasil, experimentando o sentimento de desordem identitária causado pela perda das referências culturais, em decorrência da ausência da terra natal e da obrigatoriedade da permanência nos espaços alheios e estranhos. Ao leitor é dada a oportunidade de acompanhar a peregrinação de Alice pelas ruas de uma cidade estranha, habitada por pessoas desconhecidas, vivenciando situações impensadas, que não constavam no script da vida comum de uma mulher já madura, mãe, cujo marido desapareceu no período da ditadura militar e professora, antes fixada no território seguro do seu lar na cidade de João Pessoa. Ocorre que Alice vê-se, de repente, diante das artimanhas da filha para fazer de sua vida aquilo que julga ser natural para uma senhora como ela, ou seja, torná-la uma “avó profissional”. Norinha, a filha, representa na obra os valores instituídos pela ordem patriarcal, que ao longo da história encarregou-se de designar os papéis sociais, atribuindo às mulheres as funções de subserviência, a serviço das necessidades e dos desejos alheios. Deu-se que Alice, que não sonhava em ter que ser tornar avó (profissional) e nem em ter que se mudar e viver em Porto Alegre, viu-se sucumbir diante da pressão da filha, vindo então a migrar para o sul, sendo posteriormente abandonada na cidade em função do surgimento da oportunidade de trabalho para sua filha fora do país:

Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece

um jumento empacado na lama, continuar com umas besteiras dessas. Eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência (REZENDE, 2014, p.34).

Começa então o processo de desconstrução da solidez de um modo de viver que de uma só vez foi deixado para traz, de modo a fazer com que Alice vivencie a angústia do desterro em território nacional e experimente o sentimento do exílio descrito por Edward Said (2003) como sendo “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

Em relação à ideia do que seria possuir uma identidade cultural Stuart Hall (2003) diz que “é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. A esse cordão umbilical dá-se o nome de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens” (HALL, 2003, p. 29). O momento em que é rompido esse cordão umbilical que liga o indivíduo às suas origens, vem acompanhado da dor, do incômodo da falta de lugar, do ofuscamento das referências que antes eram claras, causando um impacto, muitas vezes traumático, na vida daqueles que são obrigados a migrar. Como é possível perceber no excerto em que Alice diz:

Enquanto ali se desmontava minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul, Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo. [...] Vida nova!, essa velharia fica toda aqui e a senhora embarca comigo no fim de julho (REZENDE, 2014, p. 37).

Para Stuart Hall (2003), numa forma sincrética, os elementos nunca estabelecem uma relação de igualdade, e sim, são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder. Dessa relação, quase sempre de subordinação e dependência, nascem os conflitos identitários e culturais do sujeito e das coletividades. No caso do objeto literário em foco, o que se percebe é um embate de forças conflitantes entre mãe e filha, vontades que se confrontam como em um campo de batalhas, como ilustra a passagem em que Alice diz: “ – Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha” (REZENDE, 2014, p. 74). Norinha, a filha, alcança o seu domínio no momento em que consegue convencer (ou forçar?) a mãe a se mudar em função de seu interesse particular. Alice, a mãe, irá viver o seu

exílio, “um estado de ser descontínuo, separado das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50)

Temos na figura de Norinha, filha de Alice, um símbolo da violência gerada pela vontade de um poder instituído no âmbito da relação social/familiar. Afinal, o que significaria a imposição da filha, e suas traquinagens para realizar a ruptura de sua mãe com suas experiências acumuladas em seu lugar de origem, senão o exercício da dominação em função de um interesse particular?

Como estratégia de resistência ao processo de dominação a que se viu submetida e frente a dor de ter tido sua vida recortada, Alice faz de seu esforço para encontrar Cícero Araújo, um indivíduo desconhecido, migrante, nordestino e desaparecido na capital gaúcha, um caminho para a busca e para o reencontro de si mesma ao lançar-se no submundo das ruas dos subúrbios não só da cidade, mas nos subúrbios da própria existência humana:

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez, tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi (REZENDE, 2014, p. 92).

Por tratar-se de uma narrativa sobre perdas, trata-se também da procura, da busca por uma identidade perdida, da procura por pessoas que foram embora e nunca mais deram notícias e, principalmente, da procura por sentidos da existência humana que se perderam no âmbito dos interesses individualistas proeminentes nas sociedades que emergiram do capitalismo tardio, assunto a ser tratado no tópico que se segue.

4. Um rumo vago: a rua como fuga e como espaço de resistência.

Walter Benjamin (1987) em seu ensaio “Experiência e pobreza”, afirma categoricamente que “as experiências estão em baixa”, na medida em que o processo de desenvolvimento desenfreado da técnica avança sobre o conjunto de experiências acumulado pelos homens ao longo da história, ou seja, sobre a tradição, ou memória coletiva através da qual os indivíduos se constituem como seres sociais e de cultura. Recorro-me a crítica de

Benjamin ao capitalismo, visto que no momento em que a personagem Alice é levada a abandonar os objetos de sua história particular para adentrar o mundo novo que Norinha, sua filha lhe oferece, uma vitrine de objetos novos, sinônimos de modernidade invade o seu espaço de maneira a sufocá-la em sua natureza e em seus afetos. Nesse sentido a nova condição de Alice faz dela um ser humano empobrecido em experiências culturais e identitárias, “pois, qual o valor de todo nosso patrimônio cultural se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Eis que o romance nos coloca de frente com a nossa própria miséria e diante do que Benjamin considera ser uma “nova espécie de barbárie” surgida do declínio da experiência na sociedade capitalista. Trazendo a crítica de Benjamin para o contexto das relações atuais, mais especificamente a que surge representada na obra *Quarenta Dias*, percebe-se que as estratégias de dominação e controle dos sujeitos da modernidade alteram-se apenas em uma roupagem aparente e superficial, pois as engrenagens responsáveis pela dinâmica no campo de batalhas das relações, continuam a atuar da mesma forma. Destrói-se as experiências do passado e lança-se as novidades aparentemente sedutoras de um novo tempo, não importando a subjetividade e diversidade das vontades, dos gostos e valores humanos.

A inserção da crítica de Benjamin no âmbito desta análise se faz em razão da condição em que a narradora-personagem se encontra, pois esta, ao ser chamada a seguir “o rebanho”, reluta em seguir na contramão, e diante da esmagadora força dos fiéis, é lançada no limbo do sistema, simbolizado na obra pela vida invisibilizada e esquecida da população miserável em situação de rua, posta de frente ao requinte das mercadorias e das confortáveis facilidades oferecidas pelo mercado àqueles que podem pagar por isso.

Alice (a narradora-personagem) perdida dentro do novo apartamento preparado e oferecido a ela pela filha (que posteriormente a abandona), e esvaziada de si, acaba por lançar-se no espaço da ausência de posses, representado na obra pelo espaço da rua e por aqueles que nela vivem. Desta maneira Alice vivencia sua transformação gradativa em habitante das ruas de Porto Alegre:

Esmoreci de vez, sem banho, sem comida, rasgada, desmantelada, deixei-me cair em mais um banco, indiferente aos olhares, se é que alguém me via, cochilei e acordei mil vezes, saí pra rua tocada pela fome, a esmo, coragem nenhuma de pedir nas portas, de remexer no lixo, vendi no sebo meus livros novos de 1,99 pela quantia suficiente

para três cachorros-quentes, bebi água da torneira, mendigada em balcões de bares. Já não tinha mais nada a perder (REZENDE, 2014, p. 244).

No contexto deste objeto de análise, o espaço distópico da rua pode ser compreendido como uma espécie de “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000), uma “zona de contato” (PRATT, 1999) criado pela descentralidade e descontinuidade, onde identidades novas são produzidas em função dos movimentos e do fluxo de pessoas. Trata-se de um espaço intersticial (BHABHA, 1998) definidor dos locais de heterogeneidades, de hibridez, da mistura de culturas distintas, e que portanto, destoa do ideal de homogeneidade e pureza defendido pela tradição dominante. Essas zonas de contato, definem os espaços sociais em que culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam frequentemente em relações assimétricas de poder.

As pessoas que se encontram em situação de rua não nasceram lá, elas chegaram lá, e por motivos diversos foram se hibridizando, passaram por mudanças, vivenciaram conflitos identitários, sofreram transformações semelhantes às vividas e narradas por Alice. E assim passaram a constituir-se o corpo (anti) social definido por sua heterogeneidade, ou seja, a parte que destoa do cenário homogêneo que ser quer comum, compartilhado apenas por pessoas iguais, aceitas por identificação social. Logo, qualquer elemento identitário (social, cultural, étnico ou de gênero), que se apresente como ameaça à suposta homogeneidade dos espaços sociais, é imediatamente ofuscado, quando não, totalmente banido pelos organismos reguladores (mídia, igrejas, família, escola, polícia) que operam a favor do poder hegemônico.

Fiquei agora modorrando, deitada no chão, à beira de um caminho por onde passava muita gente, gente apumada que faz sua saudável caminhada todas as manhãs [...] e eu ali, ao rés do chão, observando apenas os pés, os calçados, passos, ritmos, tratando de identificar por eles as identidades, os sentimentos, a vida... Pelos pés... (REZENDE, 2014, p. 165).

De acordo com Homi Bhabha (1998), a própria ideia de nação é construída discursivamente, de modo que a identidade nacional é construída a partir desta lógica de superação de toda diferença capaz de perturbar a homogeneidade que se deseja instaurada nos territórios. A esse caráter supostamente homogêneo das nações, Benedict Anderson (2005) atribuiu a denominação de “comunidades imaginadas”, argumentando que no século XIX a palavra impressa ajudou na consolidação desse tipo de comunidade fazendo circular

informações e ideias oriundas de substratos sociais e culturais diversos, criando a falsa impressão de que todos os indivíduos se encontravam igualmente inseridos nas sociedades, de modo que passavam a se imaginar parte de um mesmo todo. Porém, a suposta homogeneidade se desestabiliza no momento em que se percebe que o diferente é empurrado para fora dos eixos centrais das sociedades, resultando no apagamento da alteridade e no silenciamento das minorias.

Evidencia-se assim um lado obscuro das sociedades modernas que silenciam as vozes e apagam as imagens daqueles que por razões sociais são considerados sempre como fora de lugar, para que possa ser mantida a aparente coesão das comunidades imaginadas. Todavia, a heterogeneidade persiste como em um campo de batalhas onde crianças, homens e mulheres excluídos(as), resistem na luta pelo legítimo direito de existir.

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis para quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos e briqueles, alojamentos, pronto-socorro, portas de igrejas, de terreiros de candomblés, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes do arroio Dilúvio, nas madrugadas, sobrevivente, sesteando nas praças e jardins, debaixo dos arcos e marquises, sob as cobertas das paradas de ônibus, vendo o mundo de baixo pra cima, dos passantes apenas os pés (REZENDE, 2014, p. 235).

Para Bhabha (1998), os entre-lugares da cultura possibilitam o surgimento de diferentes formas de pensamento e de expressão híbridas, e contém diferentes elementos culturais, étnicos e políticos que podem desafiar o discurso dominante fazendo surgir a negação subversiva do discurso que representa o poder hegemônico. Para este autor, o hibridismo é uma forma altamente eficaz de oposição subversiva ao discurso hegemônico. Nesse sentido percebe-se que a possibilidade (ou a ameaça) de desestabilização da unidade homogênea pode se dar a partir exatamente da constatação da heterogeneidade, no sentido de sua aceitação, e, conseqüentemente de seu fortalecimento. Por esta razão, as minorias são silenciadas, a fim de que o discurso a favor da homogeneidade prevaleça.

São essas minorias silenciadas que surgem no universo literário de Maria Valéria Rezende, conduzindo o leitor a questionar as formas de ser e de estar nestes tempos presente, a partir de alusões indiretas a um passado nacional traumático, marcado pelo processo de

colonização, assombrado pelo longo período de escravidão que vigorou no país e submetido a três regimes ditatoriais. Segundo Edward Said,

a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns utilizadas nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que esse teria sido, mas também se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas (SAID, 1995, p. 31-32).

Frente a estas considerações, nos questionamos, não seria Alice, considerando as devidas proporções, um símbolo da “nova espécie de barbárie” surgida da perda da experiência, da qual Benjamin (1987) nos fala? A essa nova barbárie, o filósofo, estranhamente, atribui um valor positivo e diz que ela impulsiona o indivíduo a “partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1987, p. 116).

Ao se lançar solitária e desprovida de bens materiais pelo submundo das ruas de Porto Alegre, Alice se liberta de toda a sua experiência do passado, e aspira, talvez inconscientemente, “encontrar um mundo em que possa ostentar de maneira pura e clara sua pobreza interna e externa”. E assim, pobre, separada do seu patrimônio humano deixado na Paraíba, Alice recebeu em troca o “novo” com sua moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 1987, p. 119), que costuma ser paga à parcela excedente do moderno, às sobras que ficaram de fora e que passaram a constituir os grupos subalternizados, os restos humanos que escaparam ao projeto de modernização.

Em sua interpretação do *Angelus novus* de Paul Klee, Benjamin apresenta sua crença na impossibilidade do humano intervir naquilo que a sociedade moderna considera ser a noção de progresso, prova disso é condição em que a narradora personagem do romance viu-se colocada em função desse tipo de crença, simbolizado na obra pela ideia de mudança e de uma vida futura nova, desligada da experiência acumulada de seu passado. Em uma de suas teses sobre o conceito de história (Tese IX), Benjamin descreve a alegoria do anjo da história da seguinte maneira:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar na iminência de afastar-se de algo que crava o seu olhar. Seus olhos estão

arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estendidas. O anjo da história deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde, diante de nós aparece uma cadeia de acontecimentos, ele enxerga uma única catástrofe que sem cessar amontoa escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem gostaria de demorar-se, acordar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranha em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual volta as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que chamamos de progresso é essa tempestade (BENJAMIN, 1987, p. 226).

No espaço alegórico formulado por Benjamin, o progresso, ao contrário do que a humanidade sonhou, passa a ser associado a atos nefastos e de dominação, tal qual, o que se assemelha ao objeto literário que por ora analisamos aqui. Assim, o olhar de Benjamin sobre o quadro propõe outras possibilidades de leituras voltadas para questões sociais e políticas atuais. É nesse sentido que entendemos Alice como um personagem que sofreu a experiência opressora, forçada a tomar uma atitude que não era de sua vontade, e em função deste sofrimento sente o desejo de afastar-se do lugar e do momento no qual se encontra, e como o *Angelus novus*, mantém-se voltada para o passado, percebendo o seu presente como um acúmulo de ruínas. Assim, diante da força da tempestade que mantém suas asas abertas, assim como o *Angelus*, ela é impelida na direção do futuro, perdida em meio a todos os escombros que a envolve nas ruínas de seu tempo.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo. Cia das Letras, 2008

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. O capitalismo como religião. *Revista Garrafa*, 2011. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa23/janderdemelocapitalismocomo.pdf>
Acesso: 27/09/2016

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*; Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre Estudos Culturais*. Editora Boitempo, São Paulo, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é afinal Estudos Culturais?* Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-48.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 5ª ed. – Rio de Janeiro, 2001.

LÖWY, Michael. O capitalismo como religião. Blog da Boitempo, 2013. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2013/08/08/o-capitalismo-como-religiao/> Acesso: 26/09/2016.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. de Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. IN: OLIVEIRA NETO, Godofredo de, CHIARELLI, Stefania (orgs). *Falando com estranhos: o estrangeiro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 15-32

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 9 – 26.

SARTRE, J. P. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.